

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC  
CURSO DE HISTÓRIA**

**DIANA COSTA MACHADO**

**ARQUÉTIPOS FEMININOS DO TAROT : TECENDO RELAÇÕES E  
DIALOGANDO COM IMAGENS FEMININAS NA IDADE MÉDIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na forma de artigo como requisito parcial para a conclusão do Curso de Graduação em História, na Universidade Do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora Prof<sup>ª</sup>. Dra Lucy Cristina Ostetto

**CRICIÚMA  
2024**

**DIANA COSTA MACHADO**

**ARQUÉTIPOS FEMININOS DO TAROT : TECENDO RELAÇÕES E  
DIALOGANDO COM IMAGENS FEMININAS NA IDADE MÉDIA**

Trabalho de Conclusão de Curso na forma de artigo aprovado pela Banca Examinadora como requisito para obtenção do Grau de Licenciado/a no Curso de História da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Criciúma, 22 de novembro de 2024.

**BANCA EXAMINADORA**

Prof<sup>ª</sup>. Lucy Cristina Ostetto - Doutora - (UNESC) - Orientadora

Prof<sup>ª</sup>. Tatiane Beretta - Mestra - (UNESC)

Prof. Ismael Gonçalves Alves - Doutor - (UNESC)

# ARQUÉTIPOS FEMININOS DO TAROT: TECENDO RELAÇÕES E DIALOGANDO COM IMAGENS FEMININAS NA IDADE MÉDIA

Diana Costa Machado<sup>1</sup>  
Lucy Cristina Ostetto<sup>2</sup>

## RESUMO

Este artigo é uma oportunidade de integrar minha experiência como taróloga, acadêmica de História e mulher, explorando a intersecção entre história medieval, tarot e os papéis femininos. Nos arquétipos femininos no tarot e sua relação com as realidades das mulheres na Baixa Idade Média, pretende-se desconstruir estereótipos sobre o tarot e o papel das mulheres na história. O artigo tem como objetivo explorar a conexão entre história medieval, tarot e os papéis femininos. O problema que orienta este artigo é a desconstrução do tarot e do papel da mulher na baixa idade média. Como metodologia serão utilizadas referências bibliográficas e análises de imagens, dialogando com os seguintes autores: Nadolny (2022); Godo (1985); Pernoud (1980, 1993); Jodorowsky; Costa (2016); Le Goff (1964, 2006, 2013), Duby (2013). O artigo será organizado nos seguintes tópicos: O Tarot: entrelaçando diferentes culturas e lugares; Mulheres na Idade Média: dialogando com Pernoud, Le Goff e Duby e Análise dos arquétipos femininos no Tarot de Marselha. Essa pesquisa contribui para o campo da história cultural com diferentes perspectivas e narrativas sobre o surgimento do tarot e oferece uma perspectiva empoderada e contemporânea sobre a força e sabedoria feminina, promovendo autoconhecimento e espiritualidade, identificando e interpretando os principais arquétipos femininos nos arcanos maiores das cartas do tarot, como a Imperatriz, a Sacerdotisa, a Justiça e o Mundo e seus significados simbólicos, considerando sua relevância sobre questão de gênero e espiritualidade da época. Essa pesquisa resultou em um maior entendimento sobre o surgimento do tarot, seus arquétipos femininos e as mulheres na Idade Média.

**Palavras-chave:** Tarot; Arquétipos femininos; Baixa Idade Média; Gênero e espiritualidade; História.

---

<sup>1</sup> Diana Costa Machado, acadêmica do Curso de História da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC).

<sup>2</sup> Lucy Cristina Ostetto é Doutora em História pela universidade Federal de Santa Catarina (UFSC/2020), na linha de pesquisa História da Historiografia, Arte, Memória e Patrimônio. Mestra em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC/1997) Graduação em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC/1992). Atualmente é Professora dos cursos de História e Pedagogia na Universidade do Extremo Sul Catarinense - (UNESC) . Pesquisadora com coordenação partilhada do grupo de pesquisa NEGRA (Núcleo de estudos de gênero e raça, feminismos e decolonialidade) certificado pela UNESC e CNPq. Integrante do grupo de Pesquisa História e Arte ,Teorias da História-UFSC. cadastrado no diretório de Pesquisa do CNPq-Teorias da História, na Linha História da Historiografia, Arte, Memória e Patrimônio Tem experiência nas áreas de História e Educação atuando principalmente nos seguintes temas: Feminismos, Relações raciais, Memórias, epistemologias e estéticas decoloniais.

## ABSTRACT

This article is an opportunity to integrate my experience as a tarot reader, history scholar, and woman, exploring the intersection between medieval history, tarot, and female roles. By examining the feminine archetypes in tarot and their relation to the realities of women in the Late Middle Ages, the aim is to deconstruct stereotypes surrounding tarot and the role of women in history. The objective of this article is to explore the connection between medieval history, tarot, and female roles. The problem that guides this article is the deconstruction of tarot and the role of women in the late middle ages. As methodology, bibliographic references and image analyses will be used, engaging with the following authors: Nadolny (2022); Godo (1985); Pernoud (1980, 1993); Jodorowsky; Costa (2016); Le Goff (1964, 2006, 2013); Duby (2013). The article will be organized into the following topics: Tarot: Interweaving Different Cultures and Places; Women in the Middle Ages: Dialogue with Pernoud, Le Goff, and Duby; and Analysis of Feminine Archetypes in the Marseille Tarot. This research contributes to the field of cultural history with diverse perspectives and narratives on the origins of tarot and offers an empowered and contemporary perspective on feminine strength and wisdom, promoting self-knowledge and spirituality by identifying and interpreting the main feminine archetypes in the major arcana cards of the tarot, such as the Empress, the High Priestess, Justice, and the World, and their symbolic meanings, considering their relevance to gender and spirituality in that era. This research has resulted in a deeper understanding of the origins of tarot, its feminine archetypes, and women in the Middle Ages.

**Keywords:** Tarot; Feminine Archetypes; Late Middle Ages; Gender and Spirituality; History.

## 1 INTRODUÇÃO

O estudo dos arquétipos<sup>3</sup> femininos no tarot, em conexão com os papéis das mulheres na Baixa Idade Média, surgiu a partir da minha experiência como mulher, taróloga e acadêmica de história. A ideia de investigação sobre o surgimento do tarot e suas múltiplas histórias, bem como o papel das figuras femininas nas cartas, desperta uma reflexão profunda sobre como essas representações dialogam com narrativas sobreviventes das mulheres na Idade Média,

O tema ganha importância por várias razões. Primeiro, as cartas de tarot, em especial os Arcanos Maiores<sup>4</sup>, através destes arquétipos a presença do feminino. Em segundo lugar, o estudo ajuda a compreender a visão tradicional que posiciona as mulheres medievais como figuras sem autonomia, demonstrando que muitas delas desempenharam papéis ativos e complexos na sociedade. Além disso, o tarot, enquanto ferramenta mística e histórica, revela narrativas que podem iluminar a compreensão dos papéis femininos ao longo do tempo, especialmente na Baixa Idade Média.

Assim, nos questionamos: De que forma o Tarot nos ajuda a refletir sobre o apagamento dos papéis das mulheres na Baixa Idade Média? Muitas vezes, a historiografia tradicional marginalizou essas mulheres, relegando-as a papéis subservientes ou periféricos. Este artigo busca desmistificar essa visão, problematizando como a representação feminina nos Arcanos Maiores do Tarot nos ajudam a pensar os papéis de liderança, sabedoria e poder da mulher na época. O problema central será compreender como essas mulheres foram representadas nas cartas e o que essas representações dizem sobre suas posições na sociedade medieval. Neste contexto, objetivamos investigar o surgimento do tarot e suas diferentes narrativas, com ênfase nas influências culturais e históricas da Baixa Idade Média; analisar os papéis femininos na Baixa idade média, dialogando com Pernoud, Duby e Le Goff. e demonstrar como as figuras femininas do tarot, através dos Arcanos maiores desafiam a narrativa histórica de que as mulheres medievais não possuíam autonomia ou poder.

---

<sup>3</sup> O conceito de arquétipo tanto na ciência quanto na psicologia implica em uma ideia central, forma ou padrão básico. Zombeiro (2021). Este conceito de arquétipo será melhor contextualizado no tópico: Análise dos arquétipos femininos no tarot de marseille, para maior compreensão deste. p. 20.

<sup>4</sup> O Arcano maior são uma divisão das cartas de tarot. Nadolny (2022) para mais entendimento sobre os Arcanos p. 4 deste artigo.

A metodologia adotada se configura como uma abordagem qualitativa, focada em revisão bibliográfica e análise iconográfica. Serão analisadas também as cartas de Tarot, com ênfase nas representações femininas dos Arcanos Maiores, utilizando uma perspectiva simbólica e histórica. Além disso, serão revisadas obras sobre o papel das mulheres na Baixa Idade Média, com base em autoras e autores como Pernoud (1990- 1980) - “As mulheres na cruzada” e “As mulheres no tempo das catedrais”, ressaltando a força e a resiliência das mulheres que participaram dessas expedições, seja como nobres que acompanhavam seus maridos, ou como assumiram papéis administrativos e sociais em ausência deles (Nadolny, 2022). - “História do tarot: Um estudo completo sobre Origens, Iconografia e simbolismo” que traz um estudo completo sobre o surgimento do tarot em suas diferentes perspectivas e narrativas (Le Goff, 2013) “Homens e Mulheres na Idade Média”, “A Civilização do Ocidente Medieval” (1964), “Em busca da Idade Média (2006)”. Embora seu foco não seja exclusivamente sobre as mulheres, o autor aborda a condição feminina como parte integral do contexto medieval “Damas do século XII”.

A relação deste tema com o ensino de História é rica, instigante e poderia ser usada como material de estudo na sala de aula, se qualificando como reflexão de gênero, como a invisibilidade, desvalorização, e estereótipos em relação a mulher. O estudo dos arquétipos femininos no tarot permite aos alunos explorarem questões de gênero, poder simbólico e representações sociais ao longo do tempo. Ao desconstruir a narrativa histórica que reduz as mulheres medievais à passividade, este estudo pode incentivar uma reflexão crítica em sala de aula sobre como a história foi contada e quem foi silenciado. O ensino de História pode beneficiar-se da inclusão desses temas ao fomentar discussões sobre o papel das mulheres, as representações simbólicas e os processos de formação das narrativas históricas.

Este artigo é dividido em três tópicos principais: Primeiro; Tarot: entrelaçando diferentes culturas, lugares e tempos, abordando o surgimento do Tarot e suas perspectivas e narrativas históricas. Segundo: As mulheres na Idade Média: dialogando com Pernoud, Le Goff e Duby, explorando o papel das mulheres. Terceiro; A análise dos arquétipos femininos no tarô de Marselha, analisando as imagens dos arquétipos femininos presentes nas cartas de Tarot. A simbologia dessas figuras será conectada aos papéis reais das mulheres na Baixa Idade Média, discutindo como essas representações desafiavam ou reforçavam as ideias da época sobre o feminino. Por fim, serão apresentadas as considerações finais e as referências bibliográficas.

## 2 TAROT: ENTRELACANDO DIFERENTES CULTURAS, LUGARES E TEMPOS

De acordo com Godo (1985), o Tarô é um oráculo e baralho de uso recreativo e esotérico amplamente utilizado no século XVIII, geralmente composto por 78 cartas. O surgimento do tarot nos leva a princípio ao século XV na Europa, inicialmente como um jogo de cartas chamado Tarocchi antes chamado Trionfi, e na sua sequência Tarot de Marselha. Composto por 78 cartas divididas em Arcanos Maiores que compõem 22 cartas: o Mago, o Louco, a Sacerdotisa, a Imperatriz, o Imperador, o Papa, o Enamorado, o Carro, A Justiça, o Eremita, a Roda da Fortuna, a Força, o Enforcado, a Morte, a Temperança, o Diabo, a Torre, a Estrela, a Lua, o sol, o Julgamento e o Mundo, que tem um maior peso simbólico e uma influência profunda nas tiragens. Na imagem abaixo podemos visualizar cada Arcano Maior.

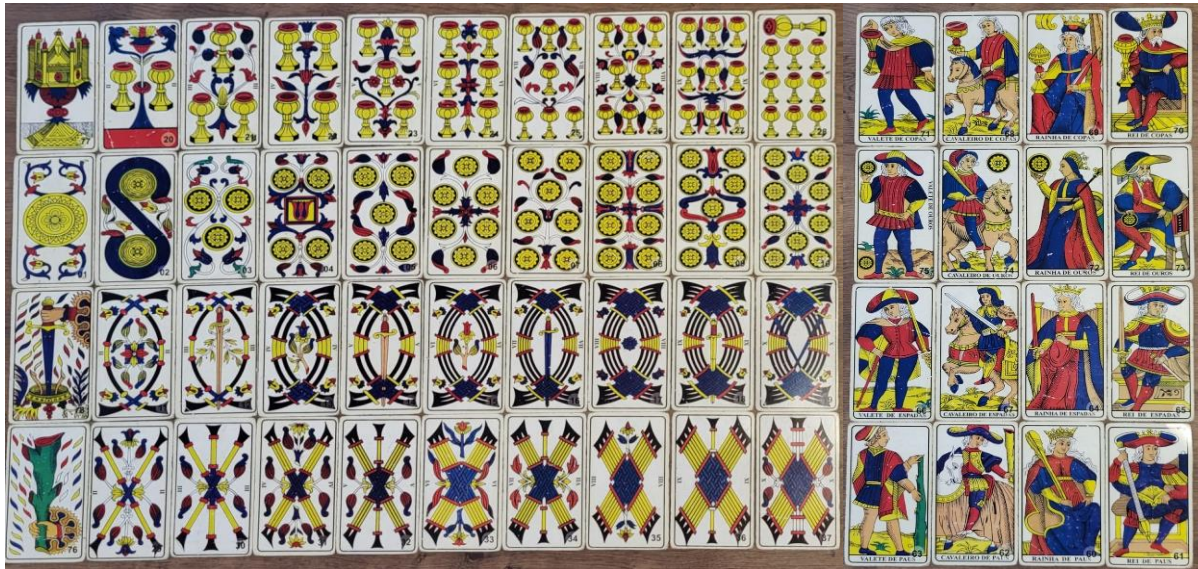
Figura 01: Arcanos maiores, Tarot de Marselha. Jogo atual, composto por 22 cartas



Fonte: reprodução pessoal

Arcanos Menores composta por 56 Cartas: Valetes, Reis, Rainhas e Cavalheirosa e os quatro naipes: Copas, Paus, Espadas e ouros. Copas: reflete nas emoções, alma, desejo e sentimentos. Paus: poder, material, sexualidade e instintos primários. Espadas: objetividade, inteligência, egoísmos e intenções. Ouros: O que buscamos, desejamos no material e financeiro. Esse conjunto de cartas detalham e esclarecem como complementação as dos Arcanos Maiores, se os Arcanos maiores indicam transformações, os Menores podem ilustrar o impacto destas transformações e os resultados.

Figura 02: Arcanos menores, tarot de Marselha. 56 cartas.



Fonte: reprodução pessoal.

No Tarot, os Arcanos Maiores desempenham um papel fundamental e representam as principais lições, arquétipos e etapas da jornada humana. Segundo o Autor Godo (1984), um estudioso do tarot e do esoterismo, os Arcanos Maiores são considerados como os símbolos que representam as grandes forças e princípios universais que regem a vida, servindo como guias espirituais e psicológicos.

Cada um dos 22 Arcanos Maiores, que vão do Louco ao Mundo, simboliza um arquétipo ou um estágio de desenvolvimento na vida. Eles são usados para trazer clareza, compreensão e autoconhecimento ao consulente, ajudando a desvendar os mistérios da existência e a compreender os desafios e oportunidades que surgem ao longo da jornada pessoal.

Os Arcanos Maiores são como "espelhos da alma", refletindo não só as experiências externas, mas também as internas, fornecendo insights profundos sobre o caminho espiritual e as lições que precisamos aprender. Assim, a função dos Arcanos Maiores é proporcionar orientação, clareza e um entendimento mais profundo da jornada individual e coletiva. (GODO 1984, p.17).

Os Arcanos Menores como vimos na figura 02, têm o papel de suporte em relação aos Arcanos Maiores. Godo (1985) argumenta que, ao retirar as 22 cartas dos Arcanos Maiores do Tarot, e as restantes (os Arcanos Menores) são vistas como um conjunto complementar que serve para esclarecer, detalhar e acrescentar nuances às mensagens mais gerais ou amplas fornecidas pelas cartas dos Arcanos Maiores. O autor sugere ainda que os Arcanos Maiores

oferecem um panorama ou ideia genérica sobre a situação ou a consulta, enquanto os Arcanos Menores aprofundam essa visão, proporcionando um maior refinamento e sensibilidade.

Esta complementaridade torna-se especialmente útil em leituras mais complexas que envolvem múltiplas pessoas, relações ou circunstâncias que exigem um entendimento mais detalhado. No que toca ao significado das cartas, parece indicar que os Arcanos Maiores têm um carácter mais aberto, enquanto os significados dos Arcanos Menores são mais fixos, mas não há como destacar uma hierarquia sobre eles e sim algo complementar.

O tarot foi se transformando ao longo dos séculos, especialmente no século XVIII, quando começou a ser associado ao ocultismo e esoterismo. Influenciado por tradições como a Cabala e a Astrologia, o tarot se transformou em uma ferramenta de autoconhecimento e espiritualidade, ganhando popularidade entre ocultistas e místicos (Nadolny, 2022). Aprofundar este tema entrelaçando lugares, culturas e tempos é importante para enriquecer a compreensão e o surgimento do Tarot na Europa. A China, é apontada como um dos primeiros locais onde pequenas folhas ou fichas decoradas com imagens e símbolos foram usados para jogos, já no século X. Essas cartas puderam ser uma imitação dos dominós. Este conceito de fichas decoradas com símbolos poderia ser o precursor das cartas numéricas e simbólicas que vemos no tarot. Nadolny (2022) afirma:

O tarot, como conjunto de cartas que combina elementos simbólicos e numerados, pode ter sido influenciado pelos jogos de cartas asiáticas, que chegaram à Europa através de rotas comerciais. Embora não haja uma ligação direta entre as cartas chinesas e o tarot, as semelhanças na estrutura e uso simbólico sugerem que os jogos de cartas chinesas podem ter influenciado o desenvolvimento posterior do tarot na Europa. (NALDONY, 2022, p.31)

A autora ainda aponta que o contato dos chineses com os mamelucos nas rotas comerciais pode ter contribuído para expandir o conhecimento do tarô, pois nas cruzadas se tinha costume de jogos com entretenimento e poderia, ser difundidos esses conhecimentos.

Supõe-se que elas tenham vindo da Pérsia, trazidas pelos tártaros desde a China, não se sabe exatamente dessa maneira. Quanto à China, a única certeza é de que pequenas folhas ou fichas de papel, marfim ou metal, revestidas de imagens e símbolos, foram utilizados em época muito antiga, quando se ignorava por completo esse uso na Europa. (NADOLNY, 2022, p. 29).

Figura 03: Cartas de baralho existiam na China antes de 1000 d.C. Essas cartas seriam tiras estreitas de papel, com pontos imitando as vinte e uma combinações possíveis com o lançamento de dois dados.



Fonte: strangehistory.net

No Egito, Isabelle Nadolny (2022), menciona sobre um baralho do século XV proveniente do Egito dos mamelucos, preservado no Museu Topkapi, em Istambul. Esse baralho possuía quatro naipes: copas, espadas, bastões e denários; cartas enumeradas de 1 a 10 por cada naipe, três reis. As cartas eram planejadas por reis, subgovernadores e governadores, sendo um deles chamado "naib" — termo que pode ter influenciado a palavra "naipes" em línguas ocidentais. O naipe de Copas: ligado ao elemento água representando o emocional. Bastões: ligado ao elemento fogo, ambição e poder. Espada: elemento ar, decisões, conflitos. Denários: elemento terra ligado ao material, trabalho e dinheiro. Embora esse baralho não seja considerado o criador do Tarot, sua estrutura e simbologia oriental podem ter influenciado a introdução das cartas na Europa, especialmente pela Itália, no período em que as relações comerciais entre o Egito e o Ocidente se intensificam. Outra questão a ser analisada, a origem oriental das cartas de baralho: em *As Mil e Uma Noites*<sup>5</sup>, esse tipo de jogo não é mencionado nem uma única vez. Também se sabe que Alcorão não permitia os jogos de azar, bem como as imagens de seres vivos. Embora se tenha constatado a ineficácia das proibições relativas aos jogos, não se pode deixar de levá-las em conta.

Sobretudo, há que se indagar como um jogo composto quase exclusivamente de imagens figurativas poderia ser proveniente de uma civilização que proscrive em grande parte as imagens. Não se tem nenhuma prova da utilização das cartas pelos árabes na Idade Média. Portanto, essas considerações não têm nenhum fundamento histórico. Os poucos relatos de viajantes ocidentais no Oriente são muito recentes para constituir provas, e poderíamos até

---

<sup>5</sup> *As Mil e Uma Noites*, uma das obras da literatura árabe universal.

mesmo dizer que indicam a exportação das cartas ocidentais para o Oriente, e não o inverso. As primeiras cartas no Egito são a partir do século XV, como na imagem aqui usada como referência de Nadolny, (2022). Cartas chamada de Mamlûk ou Sarracenas.

Figura 04: Cartas dos mamelucos, Egito, século XV.



Fonte: (NADOLNY, 2022, p. 30)

Na Europa, segundo a autora Nadolny (2022), o aparecimento das cartas de tarot na Alemanha, França e Itália seguiu uma trajetória evolutiva que refletia a sociedade e os valores da época. Os primeiros baralhos conhecidos eram de luxo, com iluminuras ou gravuras, e originaram-se principalmente na Alemanha. Esses baralhos eram maiores e compreendiam quatro sequências de três figuras e dez cartas numeradas, um padrão que já relata nas características básicas dos jogos de cartas.

O monge Johannes de Rheinfelden, foi o primeiro a descrever o jogo de cartas em 1377, mencionando o que refletia no estado e no mundo na época. “Eis que certo jogo chegou, chamado de jogo de carta, chegou a nos neste ano, no ano do senhor de 1377” (NADOLNY, 2022, p. 37). Ele destacou a existência de baralhos que incluíam rainhas e que, em alguns casos, os baralhos chegavam a ter 60 cartas. Jogos compostos por quatro reis e duas rainhas, ou dois reis e duas rainhas, no baralho de Stuttgart, com imagens que datam o século XV. Esses baralhos eram fortemente inspirados na vida aristocrática e na caça, uma atividade nobre. Em muitos deles, as figuras e as sequências remetiam a símbolos e atividades que eram parte da vida da elite medieval, como no “Baralho de Stuttgart”, que continha cães, falcões, cervos, e patos, sugerindo que as cartas eram uma representação da sociedade da época.

Figura 05: Baralho de Stuttgart. O cavaleiro de falcões e a Rainha de cervos, e manuscrito 1377.



Fonte: (Nadolny, 2022, p.37)

Figura 06: Tractus de Moribus et discipina humanae conversacionis (manuscrito). 1377, British library.



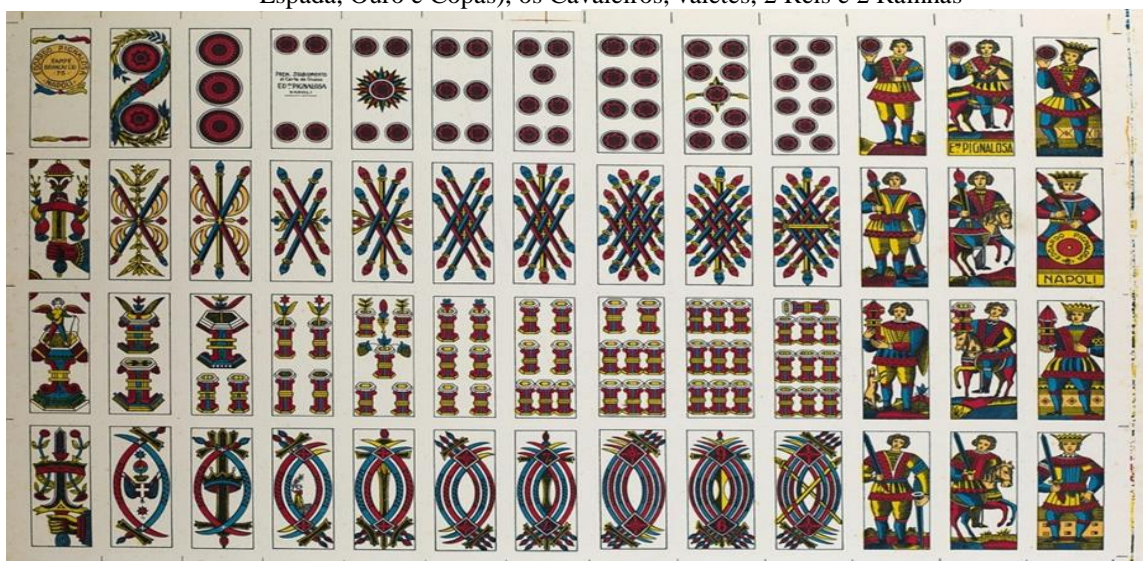
Fonte: (Nadolny, 2022, p. 28)

Esses primeiros baralhos, especialmente na Alemanha e na Itália, serviram de base para o desenvolvimento do tarot, que se tornou uma representação das cortes, sua estrutura e hierarquia, refletindo os costumes e estilos de vida do período.

O tarô de Noblet é o mais antigo tarô de Marselha conhecido e contém as características que se tornaram padrão, como os naipes de bastões, copas, espadas e denários, e as representações familiares dos arcanos maiores. Arcanos Maiores: São 22 cartas que representam arquétipos universais e princípios, cada carta dos Arcanos Maiores, como “A Sacerdotisa”, “A Imperatriz”, “A Justiça”, “A Lua”, “O sol”, e outros, simboliza uma etapa importante ou um grande conceito. Arcanos Menores: são 56 cartas que representam situações

cotidianas, aspectos práticos e desafios do dia a dia, divididos em quatro naipes (Paus, Copas, Espadas e Ouros), além de quatro cartas da corte (Pajem, Cavaleiro, Rainha e Rei) em cada naipe. Eles refletem as experiências, sentimentos e ações. Apesar de seu nome, o Tarô de Marselha não se originou em Marselha. Um dos pontos decisivos para a consolidação do tarô em sua forma mais conhecida ocorreu com o trabalho do fabricante de cartas parisiense Jean Noblet na década de 1650. A partir deste ponto, a expansão do taro ganhou grande proporção e podemos contar com inúmeros ilustradores e autores.

Figura 06: Arcanos menores, do taro de Marselha vintage. Composto de 52 cartas. Inclui os 4 naipes (Paus, Espada, Ouro e Copas), os Cavaleiros, valetes, 2 Reis e 2 Rainhas



Fonte: <https://p2in.it/3atf72EE7>

Tarot de Marselha, apesar de ter surgido entre os séculos XV e XVI, foi influenciado por ideias e simbolismos da Idade Média. Durante esse período, temas como misticismo, alquimia e filosofia cristã formaram a base para as imagens e arquétipos do Tarot de Marselha, como a Morte, a Justiça e a Roda da Fortuna. A Idade Média não viu o uso do tarot como instrumento de adivinhação, mas foi crucial para o desenvolvimento de práticas esotéricas e simbólicas que o tarot absorveu mais tarde. Portanto com uma observação mais detalhada dos arquétipos femininos das cartas do tarot, por exemplo nos Arcanos Maiores como a Sacerdotisa, a Imperatriz, a Justiça e o Mundo. Podendo dialogar com a história e assim desconstruir estereótipos sobre as mulheres na Idade Média.

### **3 AS MULHERES NA BAIXA IDADE MÉDIA: DIALAGANDO COM PERNOUD, LE GOFF E DUBY**

A análise das mulheres na Baixa da Idade Média revela uma complexa rede de relações sociais, culturais e econômicas que moldaram suas vidas e identidades. Mas durante muito tempo os estudos medievais sempre foram focados numa presença política sem as mulheres, focando no patriarcado e a mulher vista como figura secundária, limitada a papéis domésticos e familiares. Vale salientar também a ausência dessas mulheres na história por decorrências da falta de fontes para este estudo, que passa a surgir apenas a partir da Baixa Idade Média, através de escrituras, figuras, ilustrações e até escrituras trazidas pela própria Igreja.

No entanto, nas pesquisas mais recentes podemos observar uma visão mais complexa em relação a suas atividades como; Regine Pernoud (1993), em seus escritos, desmistifica a visão tradicional da mulher medieval, enfatizando sua participação ativa nas Cruzadas e nas comunidades religiosas, onde algumas mulheres, como abadessas<sup>6</sup>, exerceram influência significativa. Jacques Le Goff (2006, 2013) complementa essa perspectiva ao explorar a condição feminina, destacando a dualidade da mulher como idealizada pela Igreja e, ao mesmo tempo, marginalizada nas estruturas de poder. Por sua vez, Georges Duby (2013) oferece uma visão crítica do século XII, em que as mulheres eram frequentemente vistas como objetos de troca em alianças familiares, suas vidas rigidamente controladas por normas sociais e religiosas que restringiam sua autonomia.

Duby (2013) explora a visão e o tratamento das mulheres durante a Idade Média, especialmente no século XII. Segundo o autor, as mulheres dessa época eram vistas predominantemente como objetos de troca e alianças familiares. As suas vidas e papéis sociais estavam profundamente ligados aos interesses dos homens, seja nas relações familiares, sociais ou econômicas. Retrata as mulheres como figuras com pouca autonomia, sendo o casamento o principal destino de muitas delas, visto como um contrato que servia para fortalecer alianças políticas e econômicas entre famílias nobres. A sexualidade feminina também era rigidamente controlada pela Igreja e pela sociedade, reforçando a ideia de que o corpo feminino pertencia primeiro ao pai, depois ao marido e sucessivamente a igreja, algo que ainda perdura em uma sociedade Patriarcal. Sendo assim,

---

<sup>6</sup> As abadesas eram superiores de conventos ou abadias femininas e tinham um papel de liderança dentro da Igreja. Responsáveis pela gestão do mosteiro e pela vida religiosa das freiras, muitas abadessas eram figuras influentes, administrando vastas propriedades e terras que eram muitas vezes doadas à Igreja.

A mulher, como o homem, é dotada de razão; no entanto, a parte animal, desejosa, predomina nela; ao passo que nele, o racional, portanto o espiritual, prevalece. Em consequência, o homem domina, intermediário entre Deus, fonte da sabedoria, a quem deve obedecer, e a mulher, que ele deve comandar. É o que Adão descobre quando sai do torpor em que Deus o mergulhou: a mulher é oriunda dele, portanto, lhe é substancialmente semelhante; mas, sendo apenas uma pequena parte dele, naturalmente lhe é sujeita. (DUBY, 2013 p. 208).

Maria Madalena é retratada pelo autor como uma figura complexa, usada pela Igreja e pela sociedade medieval para representar a tensão entre o pecado e a redenção. Ela simbolizava, para muitos, o poder de uma mulher que se redime pela fé e pelo arrependimento, tornando-se um exemplo de transformação espiritual. Ao mesmo tempo, sua história foi moldada para disciplinar a moral feminina, promovendo uma conduta de submissão e penitência. Duby reflete sobre como essa construção impactava as mulheres da época, que se viam espelhadas em figuras como Maria Madalena, num misto de idolatria e temor. Duby traz as formas como a figura de Madalena foi usada como ferramenta social para reforçar ideias sobre a feminilidade, a pureza e o pecado. Esta análise de Maria Madalena é, portanto, uma chave para entender o modo como o poder religioso e patriarcal medieval definia e limitava as mulheres da época a partir de relações assimétricas de poder que queriam controlar seus corpos.

O autor, destaca que algumas mulheres conseguiram exercer o poder e influência, especialmente aquelas que se tornavam viúvas ou que pertenciam a ordens religiosas, onde podiam desempenhar papéis de liderança. Como ele descreve Alienor de Aquitânia, uma figura poderosa e influente, destacando beleza, inteligência, e habilidade política. Mulher que desenvolveu um papel ativo na corte e como líder, desafiando normas da época, silenciada muitas vezes pelo patriarcado e pela igreja. Ele enfatiza também as alianças matrimoniais estabelecida por sua linhagem.

Pernoud, historiadora e medievalista francesa, é conhecida por desafiar muitos dos estereótipos sobre a Idade Média, especialmente no que diz respeito ao papel das mulheres. Nos seus textos, ela explora como as mulheres eram mais ativas e influentes nesse período do que frequentemente se pensa.

No texto “As Mulheres nas Cruzadas” (1993), Pernoud destaca que as mulheres tiveram um papel relevante durante as Cruzadas, participando de maneira direta e indireta. Ela menciona que algumas mulheres de classes nobres acompanharam seus maridos nas expedições e, em alguns casos, assumiram posições de liderança enquanto os homens estavam fora. Essas mulheres gerenciavam castelos, terras e até mesmo exércitos em nome de seus esposos. Além

disso, alguns chegaram a lutar ou liderar missões diplomáticas. Exemplo disso é Eleanor da Aquitânia, que participou da Segunda Cruzada ao lado de seu marido, o rei Luís VII da França. Para Pernoud, essa participação ativa das mulheres é um testemunho de sua capacidade e importância na sociedade medieval.

O que nos lembra que então cada um dos exércitos carrega seu reabastecimento a pé, fora os combatentes propriamente ditos, há o que o Anônimo chama de "pedestres", os que permanecem ao lado dos animais de carga, dos rebanhos, das carroças onde se encontram os recursos em equipamento. Evidentemente, as mulheres estão entre esses pedestres, com exceção das damas nobres que muitas vezes auxiliam diretamente seus maridos. (PERNOUD 1993, p.33).

No texto “As Mulheres nas Catedrais”, Pernoud (1980) destaca as catedrais especialmente durante o auge do gótico, como centros espirituais e culturais, e sublinha o papel das mulheres nesse contexto, principalmente na fundação e no patrocínio de grandes obras. Muitas abadessas, por exemplo, tinham grande influência na construção de catedrais e abadias, além de gerenciar comunidades monásticas. Mulheres como Hildegarda de Bingen, embora não diretamente ligadas às construções de catedrais, exemplificam o papel das intelectuais e religiosas que contribuíam com o desenvolvimento espiritual e cultural dessa época. Pernoud também relata que as mulheres desempenhavam um papel importante nas guildas<sup>7</sup> artesanais que muitas vezes contribuíam para a construção das catedrais, especialmente nas áreas de tecelagem e bordado para vestes litúrgicas. De modo geral, a autora descreve um retrato mais dinâmico das mulheres medievais, reforçando a ideia de que elas estavam sempre subordinadas aos homens, relatando que nesses espaços masculinos como as Cruzadas e o florescimento das catedrais, elas desempenharam papéis de destaque. Por exemplo,

As abadessas, frequentemente aparentadas as imperatrizes e sempre sustentadas por elas, são, no conjunto mulheres notáveis e fazem dos conventos centros de cultura ao mesmo tempo que de oração, enquanto alianças familiares lhes permitem um papel importante na vida política. (PERNOUD 1980, p.44).

Le Goff, (2006, 2013), aborda a figura feminina de forma complexa e multifacetada, inserida em uma sociedade que era profundamente marcada por hierarquias e normas de gênero. Ele examina a condição feminina a partir de várias perspectivas, levando em consideração aspectos sociais, religiosos, econômicos e culturais da Idade Média.

Le Goff (2006), destaca que a posição das mulheres na sociedade medieval estava profundamente ligada à sua classe social. Mulheres nobres, por exemplo, tinham mais oportunidades de exercer poder e influência, especialmente em contextos políticos, religiosos e

---

<sup>7</sup> As guildas exerceram um papel social, oferecendo apoio financeiro aos membros em caso de doença e patrocinando eventos religiosos e festividades, o que reforçava o sentimento de comunidade.

econômicos, ainda que limitadas pelas convenções da época. Elas podiam administrar propriedades e, em alguns casos, influenciar decisões políticas, especialmente na ausência de seus maridos. Por outro lado, mulheres de camadas sociais mais baixas, como as camponesas, estavam mais envolvidas no trabalho agrícola e na vida doméstica, com poucas oportunidades de ascensão ou participação nas esferas de poder.

O autor também discute como a Igreja Católica moldou as percepções sobre o papel da mulher. A dualidade da mulher como “santa” ou “pecadora” é um tema recorrente em seu trabalho. Ele menciona que a Igreja venerava figuras como a Virgem Maria, associada à pureza e submissão, enquanto, ao mesmo tempo, perpetuava a imagem da mulher como fonte de tentação e pecado, como na figura de Eva. Essas representações moldaram o comportamento esperado das mulheres, especialmente no que diz respeito à sexualidade, maternidade e vida religiosa. Porém,

As mulheres não estão ausentes das fileiras eminentes da sociedade, seja no nível real, seja no nível monástico, seja ainda no nível aristocrático. A idade média cristã não tornou a mulher igual ao homem: Eva foi a causa do pecado de Adão e continua a configurar como o oposto negativo da Virgem Maria; mas manteve as mulheres na parte respeitável da sociedade e até mesmo, por meio da religião e do poder, concedeu-lhes certa promoção. (LE GOFF-2013, p.21).

Assim, o autor destaca a importância do trabalho feminino no contexto da economia medieval. As mulheres não eram confinadas apenas ao espaço doméstico; elas trabalhavam nas oficinas, nos mercados, e em alguns casos até nas guildas artesanais. Embora os direitos das mulheres fossem limitados em relação aos dos homens, muitas conseguiam sustentar suas famílias por meio de trabalhos manuais, como tecelagem, fabricação de tecidos e outros tipos de artesanato.

A figura feminina na Idade Média está em uma posição ambivalente. Por um lado, as mulheres eram veneradas em representações idealizadas, como na poesia cortês e na iconografia religiosa. Por outro lado, eram marginalizadas nas estruturas de poder e vistas muitas vezes com suspeita e desconfiança, especialmente no contexto do casamento e da sexualidade.

Le Goff (2003), parece não ver as mulheres medievais como figuras passivas ou completamente subjugadas, mas também não as romantiza como figuras de resistência ou empoderamento fora de contexto. Ele reconhece as complexidades da vida feminina medieval, destacando tanto as limitações impostas pela sociedade patriarcal quanto as maneiras pelas quais algumas mulheres encontraram espaço para agir e influenciar, seja na vida religiosa, no trabalho ou nas relações de poder.

Assim, observa que as mulheres desempenharam papéis significativos dentro da Igreja, especialmente nas ordens monásticas femininas. Abadessas como Hildegarda de Bingen foram intelectuais e figuras espirituais de grande destaque. Algumas mulheres também encontraram uma forma de poder e expressão por meio do misticismo religioso, utilizavam como uma forma de exercício de poder e influência em uma sociedade predominantemente patriarcal, permitindo que algumas mulheres se destacassem em um contexto em que as opções de participação pública e autoridade eram bastante limitadas. A relação das mulheres medievais com Deus e suas Visões Proféticas, eram vistas como místicas e visionárias, afirmando ter experiências diretas com Deus, a Virgem Maria, ou santos. Essas visões foram valorizadas pela sociedade cristã da época, e, como resultado, figuras como Hildegarda de Bingen e Catarina de Siena adquiriram grande influência espiritual e até política. Elas eram respeitadas e consultadas, inclusive por líderes eclesiásticos e políticos, que acreditavam na sua capacidade de interpretar a vontade divina.

FIGURA 07: Santa Catarina de Siena.



FONTE: Le Goff (2013, p.335)

Santa Catarina de Siena (1347-1380), filha de uma família de artesões, nasceu em Siena, Itália. Catarina declarou uma vocação marcante para a vida religiosa. Após uma longa disputa com sua mãe, Lapa, que ela se casasse. Catarina ingressou entre 1364 e 1365 na comunidade das Mantellate. Se destacou por sua forte personalidade e devoção excepcional,

devoção que a favorecia para concluir o seus objetivos espirituais, o que fugia do tradicional, reunindo em torno de si um grupo de "amigos espirituais" chamado "brigata". Esse grupo incluía homens e mulheres das famílias nobres de Siena, além de eclesiásticos e religiosos, que procuravam para orientação moral e espiritual.

Mesmo sendo analfabeta e apenas mais tarde aprendendo a ler e a escrever, sua influência era notável, baseada em sua profunda caridade para com os pobres e enfermos, na austeridade das penitências, especialmente alimentar, e na intenção. Catarina era conhecida por características místicas como êxtases, levitações e a chamada "troca de corações" com Cristo. Afinal se aproximar da imagem masculina sempre facilitaria o processo de aceitação. Perto do fim de sua vida, com o auxílio de seus discípulos, ditou o Diálogo da Divina Providência (Le Goff, 2013).

Figura 08: Hildegarda de Bingen



Fonte: Le Goff (2013, p.165)

Hildegarda de Bingen (1098-1179) foi uma abadessa beneditina de grande relevância na cultura latina medieval. Nascida em uma família de cavaleiros a serviço do bispo de Espira, ela teria começado a ter visões desde os cinco anos. Ainda jovem, entrou como oblata<sup>8</sup> no mosteiro beneditino de Disibodenberg, onde foi orientado pela abadessa Jutta de Sponheim, isso acontece em 1136. Em 1150, fundou seu próprio monastério em Rupertsberg. Em 1141, Hildegarda afirma ter recebido uma ordem divina para registrar suas visões, conseguindo autorização para isso do abade Bernardo de Claraval e do papa Eugênio III em 1147-1148. Além da teologia visionária, Hildegarda também se destaca na ciência e medicina, algo que era somente direcionada ao homem. Le Goff, 2013).

---

<sup>8</sup> Ablata, ato de oferecimento, e entrega a algo. Como se entregar a fé, ou religião. (Wikipédia)

FIGURA 09: A Virgem Maria.



FONTE: Le Goff (2013, p.391)

A Virgem Maria, no imaginário da Idade Média ganhou destaque significativo no cristianismo, transformando-se numa figura central na vida religiosa e social da época. Inicialmente com poucas menções nos Evangelhos, o culto mariano começou a crescer após a expansão do cristianismo. No Ocidente, esse culto se consolidou durante o período carolíngio e atingiu seu auge entre os séculos XI e XIII, apoiado pela liturgia, pela música e pela arte. Maria era venerada não apenas como mãe de Deus, mas também como uma "anti-Eva", uma redentora da mulher e do pecado original. O texto sugere que, na mentalidade medieval, ela chegou a ocupar uma posição quase equivalente a um "quarto personagem da Trindade". Maria é um personagem do imaginário criado pela igreja para alcançar um poder sobre seus fiéis ainda não alcançados pela construção da santidade masculina, afinal uma mãe é sempre mais acolhedora. E Maria era vista como uma santa total, capaz de realizar todos os tipos de milagres. A partir do século XII, Virgem Maria foi representada extensivamente em obras de arte, como afrescos e esculturas. Catedrais importantes, como a Notre-Dame de Paris, foram dedicadas a ela, festas religiosas em sua homenagem, como a Festa da Visitação e a Festa das Dores. No século XV, a devoção ao Rosário, prática de recitar 150 Ave Marias, tornou-se especialmente popular e foi formalizada como celebração litúrgica pelo Papa Pio V em 1571, após a Batalha. Essas tradições e representações de Maria refletem sua importância no imaginário medieval, onde ela representou uma relevância política, espiritual e cultural. (Le Goff, 2013).

FIGURA 10: A Papisa Joana.



FONTE: Le Goff (2013, p.388)

A "Papisa Joana," é uma lenda medieval sobre uma mulher que teria, disfarçada de homem, alcançado o cargo de Papa em Roma, burlando as estruturas patriarcais, construindo sua própria narrativa. Segundo a narrativa, Joana era uma inglesa nascida em Mainz, que, ao seguir seu amante a Atenas e, depois, a Roma, se destacou nos estudos, o que a levou a subir na hierarquia da Igreja, até ser eleita Papa. O seu pontificado teria durado cerca de dois anos, até que, durante uma procissão em Roma, Joana entrou em trabalho de parto, revelando seu segredo de forma escandalosa e levando à sua morte. Le Goff (2022), ao analisar essa lenda, destaca como ela perdurou e se espalhou como um fato, sendo aceita como verdadeira entre os séculos XIII e XVI, até ser gradualmente contestada. A história de Joana reflete tensões e questões sociais e religiosas do período medieval. De um lado, a lenda aborda a exclusão das mulheres dos estudos e do sacerdócio na Igreja latina. De outro, permite uma discussão sobre a legitimidade dos papas, questão crítica na época das cismas e divisões eclesiásticas. A narrativa de Joana também contribuiu para a construção da ideia de "ofício" na Igreja, um cargo que deveria ser respeitado independentemente das qualidades pessoais do ocupante. Joana se tornou um símbolo tanto de resistência quanto de escândalo e segue viva na literatura e no cinema, mantendo seu fascínio e o debate em torno dos papéis femininos na Igreja e na sociedade.

Os três autores – Georges Duby, Régine Pernoud e Jacques Le Goff – oferecem diferentes visões sobre a posição das mulheres na Idade Média, embora compartilhem uma compreensão comum da complexidade dessa realidade. Cada um destaca diferentes aspectos da

experiência feminina e comodidade. Duby (2013) foca na subordinação das mulheres às estruturas patriarcais, especialmente durante o século XII. Ele retrata as mulheres como figuras com pouca autonomia, subordinadas aos homens no contexto de alianças familiares, casamento e controle social exercido pela Igreja. As figuras femininas, como Maria Madalena, são usadas para promover a moralidade e a submissão feminina. Régine Pernoud apresenta uma visão mais otimista e dinâmica sobre as mulheres na Idade Média em comparação com outros historiadores. Ela desafia os estereótipos que veem as mulheres medievais como figuras passivas ou totalmente subjugadas. Para Pernoud, as mulheres não estavam confinadas apenas à vida doméstica. Dessa forma, Pernoud vê as mulheres medievais como participantes ativas e influentes, mesmo em uma sociedade predominantemente patriarcal. Ela sublinha que, embora subordinadas aos homens, essas mulheres encontraram formas de exercer poder e influência, especialmente nos campos político, econômico e espiritual.

Jacques Le Goff (2006-2013) oferece uma abordagem equilibrada e complexa, limitando tanto as limitações impostas às mulheres quanto às suas formas de ação e influência. Ele sublinha a ambivalência da posição feminina, onde as mulheres, especialmente das classes nobres e religiosas, podiam exercer poder e autoridade, mas ao mesmo tempo eram marginalizadas nas estruturas patriarcais. A dualidade de representações femininas – entre a Virgem Maria e Eva – reflete a forma como a Igreja moldou as percepções sobre o gênero. Concluindo, os três autores concordam que as mulheres medievais viviam sob normas de gênero e eram em grande parte subordinadas aos homens, mas também revelam que, em diferentes contextos – sejam eles políticos, religiosos ou econômicos – algumas mulheres desejam transgredir essas normas e afirmar suas próprias formas de poder e influência, o que mostra uma disputa de espaços constantemente. Uma análise coletiva destes pesquisadores revela uma Idade Média onde as mulheres não eram figuras completamente passivas, mas sim ativas dentro das restrições da sociedade, mas é importante ressaltar a limitação destas pesquisas, onde a pouco relato sobre as mulheres na história do medievo, principalmente na Alta Idade Média. E o fato de que muitas destas pesquisas são baseados em histórias contadas por homens ou por documentos religiosos, e que acabam apenas no imaginário (como se não fossem reais), quase não ouvimos ou temos acesso as falas destas mulheres e que quase trás um apagamento das mesmas.

#### **4 ARQUÉTIPOS FEMINOS NO TARÔ DE MARSELHA: SENTIDOS E SIGNIFICADOS**

Ao analisarmos dos arquétipos femininos do Tarot de Marselha, se faz necessário compreender o conceito de arquétipos. Os arquétipos, segundo Jung (2008) são padrões primordiais da psique humana que emergem de um inconsciente coletivo e influenciam o comportamento e as implicações. Zompeiro (2011) faz um paralelo com o Tarô, onde cada carta simboliza um estágio da vida humana, refletindo desafios e lições que exigem os arquétipos universais. Para ele,

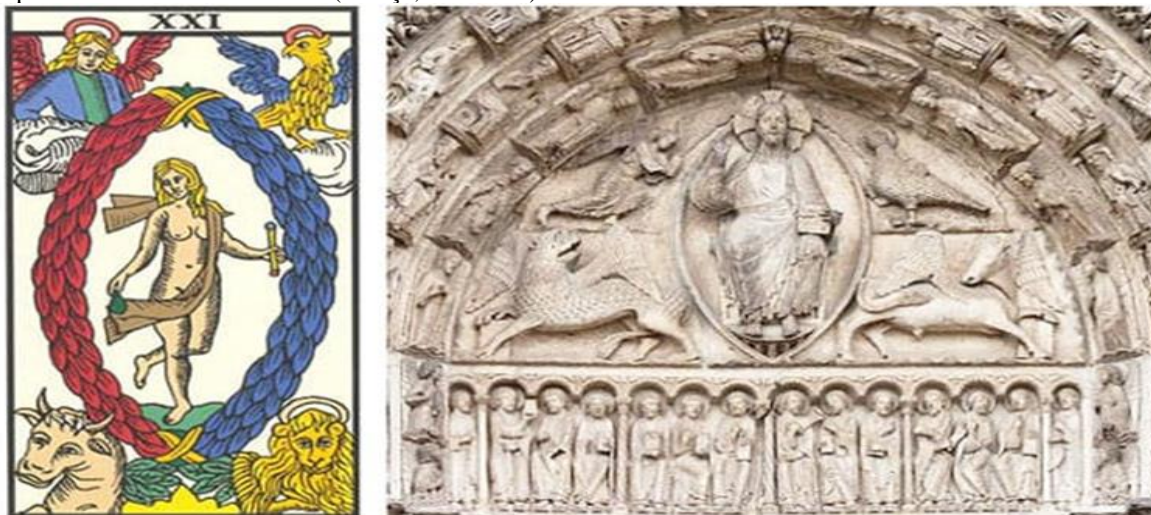
O arquétipo é mais do que simples convenções de personagens fechadas ele eleva a algo mais, e um sistema de codificações que leva o ser humano a almejar algo maior, percebe sua existência como além de sua mera existência física. Ele pode ser manifestado pessoalmente ou em nível coletivo, com características intrínsecas. (ZOMPEIRO, 2021, p .5).

Zompeiro (2021), no seu texto sobre "Tarô, arquétipos e Jung", explora a relação entre o Tarô e os arquétipos propostos por Carl Gustav Jung. Ele nos diz que o Tarô E em especial os Arcanos Maiores, vai além de um simples instrumento de predição do futuro, funcionando como um meio simbólico de comunicação entre o consciente e o inconsciente. Por meio das imagens arquetípicas, essas cartas evocam memórias e despertam associações que ajudam em uma melhor compreensão.

Ele também abordou a interpretação errada do conceito de arquétipo, muitas vezes confundido com personas ou personagens fictícios, enquanto o arquétipo tem raízes mais profundas (Zompeiro, 2021).

Portanto, a partir dos arquétipos femininos mais relevantes como; A Sacerdotisa (sabedoria e intuição), A Imperatriz (fertilidade e criatividade), A Justiça (imparcialidade e verdade), e na carta do Mundo (intuição, criação e sabedoria). que talvez nos ajude a desmistificar uma visão única e engessada em personagens das mulheres na baixa Idade Média.

Figura 11: No arcano do Mundo a figura feminina (Anima Mundi) ocupa a mesma posição do Cristo esculpido no tímpano da Catedral de Chartres (França, século 13)



Fonte: <https://www.clubedotaro.com.br/site/55-sexo-e-taro--as-mulheres-e-os-homens-nas-cartas>.

A carta do Mundo no tarot, ao colocar uma figura feminina no centro, simboliza a importância do feminino como força de realização, completude e conexão com o sagrado. Essa figura feminina transcende o papel de representação terrena, assumindo atributos tradicionais reservados à intenção masculina, como a coroa e o cetro, simbolizando poder, glória e autoridade sobre o "mundo". Na tradição iconográfica, a mandorla<sup>9</sup> era reservada a Cristo e aos santos, então a presença de uma mulher dentro da mandorla representa uma fusão significativa: ela não é apenas uma representação do "mundo" físico, mas sim da Glória, do sagrado, do sucesso espiritual e do triunfo universal. (Nadolny,2022).

Nas figuras acima temos a carta do mundo e o Cristo esculpido no tímpano<sup>10</sup> da Catedral de Chartres e podemos visualizar a semelhança das imagens, Jesus Cristo muitas vezes e retratado em cenas e julgamento final, glorificação, rodeado por anjos, santos ou elementos bíblicos. O que demonstra autoridade divina e o papel de Cristo como salvador. Portanto, o Tarot de Marselha reflete e perpetua muitos dos conceitos medievais, e a mulher aparece como uma figura central e multifacetada, representando diferentes arquétipos e conceitos, até mesmo comparada a Jesus Cristo, o que se ganha espaço ao meio público, alcançado lugares e pessoas.

<sup>9</sup> A mandorla, Contorno oval que emoldura a figura central.

<sup>10</sup> Tímpano, parte superior triangular de fachada de edifícios ou igrejas.

E por que não um homem nesta carta, e sim uma mulher semi-nua representada como destaque? Acredito que possamos fazer uma relação com o místico, onde o homem não poderia ser visto ou sendo pertencente a algo místico e sobrenatural, o que o levaria mais tarde a “bruxaria”. O homem seria um ser puro e a mulher um ser volúvel, influenciável e corrompível, como “Eva” que foi a pecadora que sucumbiu ao ser místico e impuro “a cobra” não resistindo ao desejo de comer do fruto proibido. E que pela sua sedução corrompe a humanidade, afinal ela e só uma parte da costela de Adão desprovida de razão. Le Goff (2013) traz a dualidade de Eva e a Virgem Maria, a pecadora e a santa, tema já analisado neste trabalho e que podemos usar como reflexão. Quebrando assim a intencionalidade da fragilidade, o poder da mulher passa a se configurar nela e por ela mesmo. Por isso poderemos perceber que o homem nunca estará nas cartas de taro em um posicionamento ligado ao misticismo, e sim ao poder, como os arquétipos masculinos, O Imperador e Reis: poder, liderança e proteção. Os cavaleiros: guerreiros e heróis. O Papa: Religiosos, sábios e conservadores.

Figura 12: A Papisa ou Sacerdotisa



Fonte: Reprodução pessoal.

A carta da Papisa, também conhecida como Sacerdotisa no tarô, carrega uma simbologia que desafia as convenções da época em que foi criada. Representa uma figura feminina religiosa que segura um livro, possivelmente simbolizando a fé, o conhecimento oculto ou a intuição. Ela é envolta em um mistério que poderia ser lido como uma alusão à sabedoria escondida ou às questões espirituais inacessíveis aos olhos comuns.

A escolha do nome "Papisa" é intrigante, já que oficialmente não há registros de uma mulher ocupando o trono de São Pedro, mas uma lenda medieval fala sobre a Papisa Joana. Le Goff (2013) relata no texto aqui já mencionado, que teria sido uma mulher disfarçada de homem

no papado, revelada quando deu à luz durante uma procissão. A Igreja Medieval tolerava certa circulação desta história, embora considerada polêmica e blasfematória por alguns. A figura da Papisa, portanto, pode também ser vista como uma alegoria da Igreja, da fé, da prudência, ou até uma figura que questiona o papel feminino em espaços de poder e autoridade espiritual.

A representação visual da Papisa no tarô pode ter sido influenciada pela iconografia religiosa da época, onde figuras femininas como a Virgem Maria ou figuras alegóricas das virtudes, como a Prudência e a Sabedoria, eram mostradas segurando livros. Contudo, ao longo do tempo, especialmente em contextos protestantes, a imagem foi sendo adaptada e por vezes eliminada, sendo substituída por outras figuras mitológicas como Juno ou Isis, refletindo o desconforto com essa figura. Atualmente, no Tarô de Marselha, a Papisa é mantida como símbolo de mistério, intuição, conhecimento profundo e uma ligação com o inconsciente e o espiritual, como uma grande sacerdotisa ou guia para o autoconhecimento (Naldony, 2022).

Podemos visualizar a imagem da Papisa ou Sacerdotisa na figura e perceber a relação com a Papisa Joana Le Goff (2013), que traz a sabedoria de um papa representada pelo livro e seu conhecimento espiritual, a coroa seria o poder que só era reconhecido ao homem na época, o trono papal, o manto que remete a pureza, a saliência abdominal que representa a mulher gestante e a cruz que remete a santidade. E a partir desse contexto é difícil não se questionar o porque a mulher foi retratada desta forma em uma carta de tarot do século XV- XVI? Visto que conforme o que pesquisamos estas mulheres poderosas faziam parte de um imaginário. Mas se analisar com profundidade podemos sentir que esta mulher transpassa o imaginário, me faz pensar o quanto real é sua presença e o quanto a igreja tende a tentar apagá-la da história. Então, o arquétipo da papisa deixa o poder dessas mulheres em aberto e em reflexão de existência. A papisa é tão marcante no medieval, que mesmo fazendo parte do imaginário ou não, ela permanece como arquétipo de poder e de resistência.

FIGURA 13: A Imperatriz.



Fonte: reprodução pessoal.

A Imperatriz no tarô reflete a visão histórica e social limitada sobre o papel da mulher na sociedade medieval e moderna. A Imperatriz, como esposa do Imperador, possui uma representação estreita, quase exclusivamente associada ao poder de seu marido. Sua posição é essencialmente simbólica e decorativa, onde sua importância deriva da família de origem e do dote ou herdeiros que poderia oferecer ao casamento. O poder que eram dadas a elas como Retratarata Pernoud (1993) eram um poder controlado pela igreja ou pelos seus próprios maridos e pais, mas é válido a importância de poder destas mulheres para sair destas narrativas patriarcais. Nas cartas de tarô, a Imperatriz é retratada como uma mulher jovem, adornada com roupas luxuosas, joias, uma coroa, e portando o escudo e o cetro – símbolos que remetem ao poder do Imperador, e não a um poder próprio, a mulher gestante também é vista no retrato da Imperatriz. A mensagem desta carta no esotérico traz a fertilidade, a doação, a mãe, e o chamado para sair da zona do conforto. Este simbolismo ressalta que, historicamente, o valor de uma mulher estava ligado à sua capacidade de gerar descendência e de fortalecer alianças familiares através do casamento. Ela não possuía autonomia ou papel de liderança fora dessas convenções (Nadolny, 2022).

Apesar de existirem exceções, como Maria Teresa da Áustria, a maioria das imperatrizes era destinada a casar-se cedo e dedicar-se à maternidade e às aparências. Esse destino, por vezes trágico, é evidenciado pelo alto risco de vida a que estavam submetidas durante os sucessivos partos. As imperatrizes que não alcançaram papéis políticos significativos tornaram-se figuras quase anônimas. Assim, a carta da Imperatriz reflete de forma simbólica a condição das mulheres nobres da época, onde seu valor era meramente utilitário e dependente das dinâmicas familiares e do matrimônio (Naldony, 2022).

Segundo o texto de Pernoud (1993) podemos fazer relação deste aquetipo feminino com Eleanor da Aquitânia, que participou da Segunda Cruzada ao lado de seu marido, o rei Luís VII da França, e que em alguns momentos exerceu papel de poder, mas sempre com direcionamento da igreja ou de seu marido o Imperador. O que mais chama atenção neste arquétipo é sua afeição, que demonstra um incomodo, como estivesse aprisionada e subserviente, o que não remete um contentamento e sim um desconforto.

FIGURA 14: A Justiça.



Fonte: reprodução pessoal.

A Justiça e o arquétipo das quatro virtudes cardeais - prudência, justiça, fortaleza e temperança - na tradição ocidental, especialmente no contexto cristão. Segundo Nadolny (2022)

São Gregório Magno estabeleceu essas virtudes como bases essenciais do edifício espiritual, uma ideia que Santo Tomás de Aquino retomou, defendendo que a vida moral se estrutura a partir dessas virtudes. Essas virtudes, personificadas artisticamente, tornaram-se populares no Ocidente medieval e renascentista, representadas como figuras femininas com atributos específicos, orientando os fiéis rumo à salvação. Esse uso de figuras femininas reflete uma visão cultural e espiritual que associa certos valores morais com características tradicionalmente atribuídas ao feminino, como a suavidade, a harmonia, e o senso de equilíbrio e justiça. A Justiça, por exemplo, é representada segurando a balança e a espada, símbolos da deusa grega Thêmis<sup>11</sup>, que também era representada como uma mulher. Dessa forma, o feminino simboliza o poder da Justiça de equilibrar e distribuir, lembrando a importância de uma autoridade equilibrada e imparcial. Essa iconografia também aparece no tarô, onde a Justiça é simbolizada de forma semelhante e, assim como outras virtudes, serve de inspiração para atitudes justas e equilibradas, incentivando a imitação de sua essência (Nadolny, 2022).

Observando o arquétipo feminino A Justiça, podemos fazer relação com Santa Catarina de Siena. A partir do texto de Le Goff (2013) essa santa é personificada pela sua profunda caridade para com os pobres e a busca pela igualdade mesmo servindo a igreja o qual se fazia necessário para manter as portas abertas a seus propósitos. Ela oferecia o senso da justiça e equilíbrio, da força e resistência ao dizer não a mãe referente ao casamento por exemplo. Podemos inferir que o arquétipo da Justiça, transgrediu o que se esperava das mulheres, que era a subserviência, sabe-se que a justiça precisa ser maleável, mas ela tem o poder de decidir, ou seja exercer um poder que no contexto medieval era um atributo dos homens. É possível, então, a partir da análise desses arquétipos, problematizar os papéis femininos na Baixa Idade Média.

---

<sup>11</sup> Themis, é uma deusa da justiça é definida, no sentido moral, como sentido da verdade da equidade e da humanidade, acima das paixões humanas. (Wikipédia)

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A escrita deste artigo contribui para uma nova compreensão do papel das mulheres na história, o surgimento do tarot e a importância dos arquétipos femininos. A pesquisa demonstra que, longe de serem figuras sem autonomia, muitas mulheres na Baixa Idade Média desempenharam papéis significativos, que foram registrados simbolicamente nas cartas de Taro através dos arquétipos.

Com esta pesquisa sobre arquétipos femininos, tarot e as mulheres na Idade Média, pode-se perceber o entrelaçamento desses temas, refletindo tanto a representação simbólica do feminino quanto as realidades sociais e espirituais das mulheres ao longo da história.

A Idade Média foi um período marcado por regras patriarcais e a marginalização da mulher, mas paradoxalmente, também foi uma época de grande expressão simbólica do feminino em tradições místicas e religiosas.

Se na Idade Média, as mulheres viviam num contexto de subordinação social e religiosa, sendo muitas vezes limitadas pela estrutura patriarcal, pelas práticas místicas e esotéricas, como o tarot, abriram-lhes caminhos alternativos de poder e expressão. Apesar de o tarot ter surgido

um pouco depois desse período, as suas raízes nas tradições simbólicas e espirituais da época refletem a importância dos arquétipos femininos na construção do imaginário coletivo.

O tarot com as figuras femininas arquetípicas como a Sacerdotisa e a Imperatriz, e a Justiça e o Mundo, espelha a dualidade do papel da mulher: detentora de sabedoria intuitiva e mística, mas também frequentemente reprimida e marginalizada. Esses arquétipos revelam a valorização do poder intuitivo e da ligação com o mundo espiritual, características muitas vezes associadas ao feminino, mesmo numa sociedade que procurava controlar e limitar as mulheres.

Portanto, ao estudar o tarot, os arquétipos femininos e as mulheres na Idade Média, podemos perceber que, mesmo num contexto de opressão, as mulheres encontraram maneiras de afirmar a sua identidade espiritual e exercer uma forma de poder simbólico. Essa conexão entre o feminino, o misticismo e a resistência social perduram até os dias de hoje, influenciando a forma como o papel da mulher é entendido tanto no campo espiritual, cultural e nas esferas de poder, mesmo que estas mulheres estando em um contexto europeu e sendo brancas.

Acredita-se que com um aprofundamento deste estudo, buscando mais referências e com um tempo mais longo de estudo pode-se ter uma análise mais detalhada, e não apenas baseado em estudos de escritos masculinos ou religiosos. Acredita-se, também, que é possível trazer inclusive esses personagens do imaginário para um contexto real, porém ainda se esbarra na dificuldade de fontes. Por isso, é possível perceber o quanto as mulheres foram apagadas, marginalizadas e negligenciadas ao longo da história europeia no contexto da Idade Média.

## REFERÊNCIAS

GEORGES, DUBY; **Damas do século XII**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

JODOROWSKY, Alejandro; COSTA, Mariana; **O caminho do Tarot**. Editora Chave Veneta, 2004.

JUNG, C. G. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, p. 311.

LE GOFF, Jacques. **Em busca da Idade Média: conversas com Jean-Maurice de Montremy**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LE GOFF, Jacques. **Homens e mulheres da Idade Média**. São Paulo: Estação Liberdade, 2013.

NADOLNY, ISABELE. **História do Tarô: um estudo completo sobre suas origens, iconografia e simbolismo**. Editora, Pensamento. 2022.

NICHOLS, Sallie. *Jung e o Tarô: uma jornada arquetípica*. Disponível em: [https://www.academia.edu/92078536/NICHOLS\\_Sallie\\_JUNG\\_e\\_o\\_TARO\\_Uma\\_jornada\\_arquet%C3%ADpica](https://www.academia.edu/92078536/NICHOLS_Sallie_JUNG_e_o_TARO_Uma_jornada_arquet%C3%ADpica). Acesso em: 5 nov. 2024.

PERNOUD, Regine. **A mulher no tempo das catedrais**. Paris: Ed. StockEdição, 1980.

PERNOUD, Regine. **A mulher no tempo das cruzadas**. S.P.: Papirus, Ano: 1993.

SANTOS, João. **A simbologia arquetípica do Tarot**. Disponível em: <https://www.studocu.com/pt/document/escola-secundaria-jaime-moniz/geografia-a/a-simbologia-arquetipica-do-tarot/105922734>. Acesso em: 5 nov. 2024.

SCHMITT, Jean-Claude. **O corpo das imagens: ensaios**. sobre a cultura visual na Idade Média. SP: EDUSC, 2007.

ZOMPEIRO, Erick. **A simbologia Arquetípica do tarô**. Studocu.com, 2021.